HEGEL E SHAKESPEARE: A TRAGÉDIA DE CARÁTER

Palavras-Chave: Hegel; Shakespeare; Estética; Drama

Autores(as):

Larissa de Moraes Gois, FFLCH - USP

Prof(ª). Dr(ª). Marco Aurélio Werle (orientador(a)), FFLCH - USP

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS:

Essa pesquisa se propõe a analisar a forma com que Hegel, em seus *Cursos de Estética,* analisa o drama de Shakespeare, inserido em sua filosofia como uma importante exemplificação das tendências artísticas e sociais da época moderna. Aqui, entram questões sobre o sobre o papel predominante da subjetividade na modernidade e sobre as formas que a arte adquire como resultado da cultura da interioridade.

Os objetivos que norteiam essa pesquisa são, primeiramente, investigar a presença e a função de Shakespeare na estética hegeliana a partir da leitura que Hegel faz dos dramas shakespearianos. A partir disso, divido os outros objetivos em quatro direcionamentos principais:

- Examinar a relevância e o papel da tragédia de Shakespeare para o desenvolvimento da estética em Hegel;
- Discutir essa função no contexto da filosofia hegeliana como um todo, sobretudo quanto ao sentido das tragédias de Shakespeare na trajetória do Espírito absoluto;
- Apresentar a interpretação hegeliana de maneira mais específica e determinada a cada tragédia shakespeariana, focando particularmente em cada drama a ser desenvolvido;
- Inserir Hegel em um campo de debate mais amplo sobre Shakespeare – debate esse que acontecia anteriormente à Hegel (que estudou essa discussão e foi, também, por ela movido), e que se seguiu posteriormente à Hegel, sendo por esse filósofo profundamente influenciado.

Figura 1 - Hegel – fonte: Fototeca Gilardi/Getty Images

APRESENTAÇÃO:

Figura 2 - Shakespeare – fonte: The Print Collector/Heritage Images

Em Hegel, Shakespeare é indicado como a grande marca do período moderno. As características que marcam sua modernidade se esclarecem, na estética hegeliana, ao que são expostas suas diferenças com a tragédia antiga grega. Essas diferenças, para Hegel, são tidas principalmente como um resultado histórico e cultural, um resultado de cada momento expresso pelo Espírito. A tragédia antiga grega foi uma das formas de expressão do Espírito absoluto – que expõe a unidade conciliada entre universal e finito – pois expressava o divino (como conteúdo universal e espiritual) em sua presença sensível a partir da apresentação da eticidade. O centro articulador da tragédia grega "é o divino se exercendo de modo imediato no mundo, numa ação que se encontra equilibrada entre o objetivo e o subjetivo" (WERLE, 2005, p. 243). Por esse motivo, a principal questão da tragédia antiga é a eticidade unilateral de um herói que, movido por um *pathos* principal, uma paixão ética única, retira a totalidade das potências éticas de ser equilíbrio anterior. Antígona deve escolher sobre enterrar seu irmão e desobedecer ao rei: respeitar a potência ética da família necessariamente desrespeita a potência ética do Estado. Por esse motivo, ela é a figura encarnada desse desequilíbrio, e a volta a uma justiça eterna, quase sempre, significava a necessidade da morte desse herói.

Figura 3 - Antígona sepulta Polinice (1825), de Sebastien Norblin

Hegel explica, porém, que em determinado momento, o Espírito absoluto não mais procura a imediatez sensível como forma de sua expressão, tal como a sensibilidade da arte era capaz de o expressar. Com o cristianismo, o Espírito não mais viu a sensibilidade como digna de sua representação, e passou a procurar o interior apenas em si mesmo, não enquanto parte do material sensível, para representá-lo. Cristo aparece no mundo sensível, mas só se concilia como natureza divina na morte, ao negar sua finitude. Desse modo, os homens são chamados a valorizar a interioridade espiritual e rejeitar o material, e o Espírito, assim, não mais quer unir-se ao sensível. A arte absoluta chega ao seu fim e o Espírito passa a procurar a religião – e mais posteriormente a filosofia – como figuras de sua expressão.

A arte romântica (que tem como último período analisado por Hegel a arte moderna) é a arte do fim da arte absoluta – a arte do"depois da arte": "o depois da arte consiste no fato de no espírito habitar a necessidade de apenas se satisfazer em seu interior próprio enquanto a verdadeira Forma para a verdade" (HEGEL, 2000, p. 254). A cultura moderna é marcada pela valorização da subjetividade que Hegel relacionou à religião cristã. A arte moderna, por sua vez, espelha esse mesmo princípio.

A tragédia de Shakespeare, como arte moderna, norteia-se sob dois princípios. Primeiramente, se não possui mais a obrigação de expressar o absoluto, é livre a retratar as figuras escolhidas pelo artista, não mais precisando se ater à apresentação do divino e do legítimo. Aqui, entram em cena o totalmente contingente, a ruindade e o feio. O que a individualidade moderna faz "ela cria inteiramente de modo imediato [...] e não quer ser fundamentada por qualquer coisa de superior, ser nisso dissolvida e justificada em algo de substancial" (HEGEL, 2000, p. 213). Em segundo lugar, se a subjetividade é o foco moderno, e "o artista obtém seu conteúdo nele mesmo" (HEGEL, 2000, p. 242), a arte "faz do *humanus* seu novo santo: das profundidades e alturas do ânimo humano enquanto tal, do humano universal em sua alegria e dor, em suas aspirações, atos e destinos" (HEGEL, 2000, p. 242). A arte moderna, antes religiosa, se torna mundana – é o homem livre, presente, em sua mais pura humanidade. Não há Deus em Shakespeare, mas há o homem e seu caráter, em sua subjetividade e mundanidade, que se torna o foco, tal como seu desenvolvimento.

Por esse motivo, o foco do drama shakespeariano é a vida limitada de um caráter que, diante de acontecimentos que interferem apenas em seu ciclo privativo, aspira vivamente a um fim também subjetivo, que concerne apenas aos seus interesses individuais.

Assim, a subjetividade toma o lugar do legitimamente ideal. Nas configurações antigas, por exemplo, Hegel explica que Hamlet, caso fosse escrito naquela época, giraria principalmente em torno do conflito entre potências éticas: A grande questão seria que Hamlet, em uma vingança ética, deveria, ao mesmo tempo, ofender a eticidade. Nas tragédias de Shakespeare, nas configurações modernas, o foco, como visto em Hamlet, é outro: o caráter subjetivo de Hamlet e suas intrigas, principalmente, internas. A tragédia de Shakespeare consiste não apenas em uma batalha do indivíduo em seu querer contra o mundo que se opõe a ele, mas também em um conflito cuja interioridade é plano essencial.

BIBLIOGRAFIA

HEGEL, Wilhelm Friedrich. **Cursos de Estética.** Trad. Marco Aurelio Werle e Oliver Tolle. Vol. I, Vol. II, Vol. III e Vol. IV. São Paulo: Edusp, 2001/2000/2002/2004.

____. V**orlesungen über die Philosophie der Kunst**. Vol. 28,1; Vol. 28,2; Vol. 28,3; Vol. 23,4. Hamburgo: Meiner, 2015/2018/2020/2023.

SHAKESPEARE, William. **Grandes Obras de Shakespeare**. Trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

____. **The Complete Works of William Shakespeare**. Nova Iorque: P. F. Collier & Son Company, 1925.

____. **The Complete Works of William Shakespeare.** Oxford: Oxford University Press, 1916.

WERLE, Marco Aurélio. **A poesia na estética de Hegel**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005.